

MODERNISMO EM PORTUGAL

FERNANDO PESSOA (1888 – 1935)

“Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: Navegar é preciso; viver não é preciso. Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou; viver não é necessário; o que é necessário é criar. Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha deste fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha. Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade. É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa raça.” (Palavras de Pórtico. In Obra Poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p.15)

HETERÔNIMOS

Fernando Pessoa inovou a literatura com a criação dos heterônimos, pois deixava de ser um simples pseudônimo para se tornar outro personagem, com personalidade, jeito de escrita e biografia próprias.

Uma das possíveis razões para essa criação, segundo especialistas, é que Pessoa gostaria de explorar diferentes estilos, formas de escrita e personalidades. Dizem que Ricardo Reis foi criado porque Pessoa queria escrever “com um estilo mais neoclássico”.



Alberto Caeiro

“Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. ”

Caeiro era tido como o **Guardador de Rebanhos**, devido sua vivência no campo e também era conhecido como o mestre pois inspirava os outros escritores com sua serenidade e sabedoria de vida. Em suas obras, destacam-se aspectos como:

- **Materialismo (Sensacionismo):** valorização da percepção sensorial em detrimento de qualquer postura racional, filosófica, de reflexão.
- **Paganismo:** integração harmônica e equilibrada (o mundo), desfrutando suas possibilidades de forma objetiva. Caeiro busca integração sensorial com a natureza. Dizia que o pen

samento “falseia” a realidade, porque, ao pensar, o homem não consegue ver as coisas, simplesmente, como elas são, ou seja, “em sua dimensão concreta”

Percebe-se então, como Caeiro tratava a natureza e tudo o que observava; livre de interpretações e especulações inúteis.

Sobre os **aspectos formais** de seus textos, prezava a simplicidade; os seus textos eram repetitivos, vocabulário prosaico (referente à prosa), frases coordenadas; pura inspiração e espontaneidade. A seguir, o poema *XIII*, da obra *Guardador de Rebanhos*:

*Leve, Leve, muito leve,
Um vento muito leve passa,
E vai-se, sempre muito leve.
E eu não sei o que penso
Nem procuro sabê-lo*

Ricardo Reis

- Face clássica da obra de Fernando Pessoa
- Monarquista
- Educação Jesuíta
- Amante da **cultura grego e latina**
- Mora no Brasil

Ricardo valoriza a vida campestre e a simplicidade das em seus poemas. Assume uma postura de consciência de passagem do tempo e da efemeridade da vida, além de assumir a inevitabilidade da morte, ou seja, aceita o seu destino já que ele foi traçado **Fado** (referência a um Deus da mitologia grega).

Para Ricardo Reis a morte, portanto, deveria ser compreendida como lei natural e ser aceita com tranquilidade (pra que você vai lutar contra a morte se o seu destino natural está predeterminado). Essa visão de Reis caracteriza o **ESTOICISMO**, doutrina em que a vida deve ser aproveitada sem exageros e a morte aceita sem qualquer relutância para que o indivíduo possa encontrar a felicidade.

O **EPICURISMO**, teoria do filósofo grego Epicuro, está presente nos poemas de Ricardo Reis uma vez que este, assim como proposto na filosofia, busca uma vida de prazeres naturais, de equilíbrio e desprovida de paixões extremas. Reis desconfia de felicidades extremas e tenta evitá-las ou controlá-las por meio da razão para que não haja sofrimento posterior quando o motivo da felicidade não existir mais.

Leia o poema de Ricardo Reis presente no livro *Odes de Ricardo Reis* que sintetiza as ideias epicuristas na obra de Reis.

Quer pouco: terás tudo.
Quer nada: serás livre.
O mesmo amor que tenham
Por nós, quer-nos, oprime-nos.

Álvaro de Campos

“Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade.”

Campos, engenheiro por formação, tinha uma postura que representava a modernização, a técnica e a civilização. Porém, em alguns textos, demonstra-se melancólico e depressivo, pois seu pensamento exaustivo não o permitia seguir a filosofia de seu mestre, Caeiro. Sendo assim, sua melhor compreensão se dá em duas fases:

- **Futurista:** aqui, Campos demonstra uma alegria enorme com a modernidade (decorrente da Revolução Industrial), o mundo das máquinas da indústria e pelas inovações científicas; ao ponto de, inclusive, dedicar seu amor eterno às máquinas “em tom eufórico e ritmo frenético”. Essa inquietação pode ser observada no poema *Ode Triunfal*, no trecho a seguir.

(...)

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical -

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro E há

Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes
eléctricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta, Átomos

que não-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e
por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando, Fazendo-me
um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

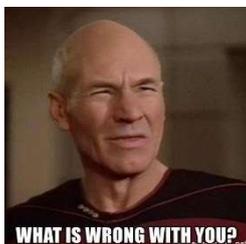
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento

A todos os perfumes de óleos e calores e carvões Desta
flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,

Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes -

Na minha mente turbulenta e encandescida



*Possuo-vos como a uma mulher bela,
Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não se ama,
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.*

(...)

Eu podia morrer triturado por um motor

Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas!

Metam-me debaixo dos comboios!

Espanquem-me a bordo de navios!

Masoquismo através de maquinismos!

*Sadismo de não sei quê moderno e eu e
barulho!*



- **Revoltada/ Depressiva:** neste momento, entretanto, Álvaro de Campos aparece com um comportamento melancólico e devaneador, muito por causa de sua “dor de pensar”. Como considerava Caeiro seu mestre, ao não conseguir seguir a filosofia de vida do mestre, se aborrecia; consegue-se notar em trechos de seus poemas que, quando ele evitava criar pensamentos desnecessários, logo começava a “viajar”. Vamos ver o exemplo do poema *Tabacaria*

Frustração: não acredita em si próprio

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

A percepção sensorial do eu lírico é sufocada por pensamentos descontrolados

Janelas do meu quarto,

Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é

(E se soubessem quem é, o que saberiam?),

Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,

Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,

Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,

Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,

Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,

Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

(...)

No sonho, ele conquista o mundo inteiro

Escravos cardíacos das estrelas,

Conquistámos todo o mundo antes de nos Levantar da cama;

Mas acordamos e ele é opaco,

Levantámo-nos e ele é alheio,

Saímos de casa e ele é a terra inteira,

Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;

Come chocolates!

Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.

Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.

Come, pequena suja, come!

Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!

Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas de estanho,

Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei

A caligrafia rápida destes versos, Pórtico partido para o Impossível.

Porém, quando acorda,
não é dono de nada e o
mundo não tem brilho

Tentativa e erro (de
somente pensar, sem
especular).

Intertextualidade com o
conto *O Espelho*

O eu lírico percebe que o
fingimento para a
sociedade fez com que
ele perdesse sua própria
identidade

(...)

*Fiz de mim o que não soube, E o que
podia fazer de mim não o fiz.*

O dominó que vesti era errado.

Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.

Quando quis tirar a máscara,

Estava pegada à cara.

Quando a tirei e me vi ao espelho,

Já tinha envelhecido.

*Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha
tirado.*

(...)

Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta. *Olhou-o
com o desconforto da cabeça mal voltada*

E com o desconforto da alma mal-entendendo.

Ele morrerá e eu morrerei.

Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.

A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.

Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,

E a língua em que foram escritos os versos.

Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.

Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente

Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de

coisas como tabuletas, Sempre uma coisa defronte da outra,

Sempre uma coisa tão inútil como a outra,

Sempre o impossível tão estúpido como o real,

*Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da
superfície.*

REAL

X

ESPECULAÇÃO

REAL

X

ESPECULAÇÃO

Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Por um momento, o eu lírico consegue encontrar prazer apenas sensorialmente, evitando especulações ou pensamentos.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.

(...)

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

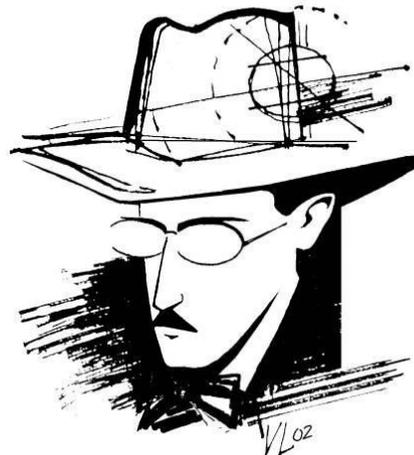
Especulação

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).

Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O dono da Tabacaria chegou à porta.)

Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o dono da Tabacaria sorriu.

O eu lírico tem consciência de que não existe sentido na existência, logo todo tipo de especulação é mesmo inútil.

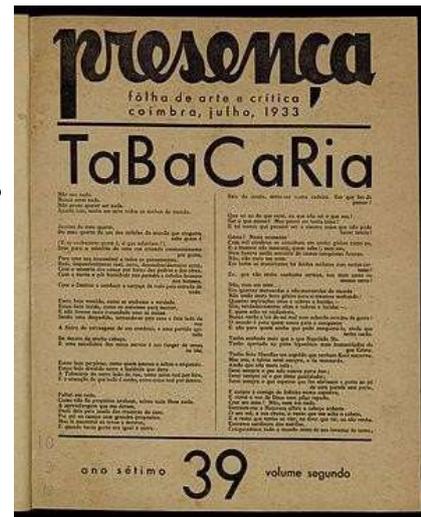


Fernando Pessoa Ortônimo

- Nacionalista
- Saudosista (saudade do passado)

Fernando Pessoa escreveu uma epopeia moderna (misturando épica e lírica) sobre Portugal, a obra *Mensagem*, porém NÃO estudamos em sala.

A Verdadeira parte lírica da obra de Fernando Pessoa eles mesmos são os poemas encontrados em *Cancioneiro*. Nos textos líricos não há um conjunto uniforme de texto que variam entre solidão, saudade, infância, vida, arte e fingimento poético



(metalinguagem). Além disso ele não possui uma filosofia certa e formas tradicionais de poema (sonetos, versos redondinhos, rimas, quadras) são mais recorrentes que as livres

